

FAUNA DO DISTRITO FEDERAL - X.

REDESCRIBÇÃO DE *BLENNIUS CRISTATUS* Linnaeus, 1758

(PERCIFORMES - BLENNIDAE)

(RECEBIDO EM 2/VI/54)

(com 11 figuras)

Sérgio Ypiranga Pinto

Com o presente trabalho inicio o estudo das espécies pertencentes à família *Blennidae*, que ocorrem nas costas brasileiras. Procurarei fazê-lo cuidadosamente, incluindo caracteres osteológicos.

Iniciarei êstes estudos com *Blennius cristatus* L., procurando analisar a bibliografia principal referente a esta espécie, cuja determinação é baseada em descrições insuficientes e que têm acarretado algumas sinonímias.

A presente descrição é bastante extensa, convenientemente ilustrada, e baseada em 21 exemplares coletados no Distrito Federal, fazendo-me acreditar que no futuro novos erros de identificação serão evitados.

Agradeço ao Museu Nacional, onde realizei meus estudos, a oportunidade que me foi dada para consultar a literatura e o material ictiológico de suas coleções. Em particular, agradeço ao Prof. Haroldo Travassos, naturalista do referido Museu, o incentivo e orientação que me deu na confecção dêste meu primeiro trabalho, executando, também, os desenhos da parte osteológica. Quanto aos desenhos do aspecto geral e detalhes da cabeça, agradeço-os ao sr. Vítor Frederico.

MATERIAL ESTUDADO

O material identificado por mim como sendo *Blennius cristatus* é proveniente do Distrito Federal, localidade situada dentro da região onde foi coletado o material tipo de Linneu. Em sua descrição, Linneu dá como "habitat", as Indias que, de acôrdo com as descrições de autores subsequentes são as Indias Ocidentais.

M.N.I. - 6280 a 6292 - Barra de Guaratiba, D. Federal.
Newton Dias dos Santos col. 30-IV-53
Sérgio Ypiranga det. 1953

M.N.I. - 6294 a 6300 - Barra de Guaratiba, D. Federal.
Sérgio Ypiranga Pinto e Mario Moreira col. 11-V-53
Sérgio Ypiranga Pinto det. 1953

M.N.I. - 6306 - Barra de Guaratiba, D. Federal.
Newton Dias dos Santos col. 30-IV-53
Sérgio Ypiranga Pinto det. 1953

Foram, portanto, examinados vinte e um exemplares.

Blennius cristatus L., 1758

LOC. TIPO: Indias

TIPO EM: ?

DIST. GEOG.: Costas do Brasil, costas da África.

Blennius cristatus Linneu, C., 1758, Vol. 1, p. 258, desc.
Blennius crinitus Cuv. & Val., 1836, Vol. 11, p. 175-176, desc.
Blennius nuchifilis Cuv. & Val., 1836, Vol. 11, p. 186-187, desc. sin.
Adonis cristatus Gronow, 1854, p. 95, desc.
Blennius asterias Goode & Bean, 1882, Vol. 5, p. 416, desc.
Blennius cristatus Ribeiro, A. Miranda, 1915, Vol. 17, p. 613, ch. desc. sin.

Quanto à sinonímia referida, está baseada na análise das descrições e nas conclusões dos autores anteriores, uma vez que o exame do material que serviu aos diversos pesquisadores não é acessível.

Temos de início a espécie *B. crinitus* de Cuvier & Valenciennes, 1836; seguindo a descrição dos autores desta espécie, concluo que seja sinônimo de *B. cristatus*, concordando, por conseguinte, com Jordan & Evermann, 1898 que já as consideravam como sinônimas.

Em segundo lugar, encontramos a espécie *B. nuchifilis*, também de Cuvier & Valenciennes, 1836, que segundo a descrição dos mesmos, este é apenas um novo nome dado à espécie de Linneu. Gronow, 1854

propôs para o gênero *Blennius* Linneu o nome de *Adonis*, sendo portanto, *A. cristatus* um sinônimo da espécie de Linneu. A seguir temos a espécie *B. asterias* de Goode & Bean, 1882, cuja descrição não permite separar esta espécie de *B. cristatus* de Linneu. Finalmente, encontramos no trabalho de Miranda Rubeiro tôdas essas espécies como sinônimas de *Blennius cristatus* L.

Em seu trabalho "A list of the fishes known from the coast of Brazil", Fowler cita uma espécie da família *Blennidae*, o *Blennius paucidens* Kner, 1865, que os autores consultados por mim não citam em seus trabalhos. Com relação a esta espécie de Kner, abstenho-me de comentar a sua sinonímia, em virtude de não ter tido oportunidade de consultar a descrição do referido autor. Motivo pelo qual não a incluí na lista sinonímica.

ASPECTO GERAL - Corpo oblongo, desprovido de escamas, aspecto frágil, cabeça formando ângulo abrupto em relação ao perfil dorsal; bôca anterior, membrana opercular livre. Apresenta na região occipital uma série de pequenos cirros, notando-se a presença, na parte superior das órbitas, de um tufo de pequenos tentáculos.

Perfil ventral, praticamente reto; cavidade abdominal pequena, apresentando-se enrugada nos indivíduos conservados em alcool. (Fig. 1 e 2).

COLORAÇÃO - Apresenta uma côr fundamental, por todo o corpo: amarelo palha, sôbre a qual há uma pigmentação negra, pigmentação essa que é mais intensa na cabeça, causando a impressão de que esta é totalmente negra.

Esse pigmento preto, em algumas regiões do corpo, concentra-se dispondo-se em faixas transversais mal definidas, porém de côr mais intensa ao cruzarem a linha de poros. Note-se que essas faixas não chegam a atingir a face ventral, morrendo pouco abaixo da referida linha, atingindo, entretanto, a nadadeira dorsal.

As nadadeiras são bem escuras, principalmente, as partes da membrana que envolvem os raios. Entre o primeiro e o segundo raios da nadadeira dorsal observa-se a presença de uma mancha negra.

A cavidade abdominal apresenta-se com uma coloração esbranquiçada.

CABEÇA - Revestida totalmente, por tegumento, apresentando grande número de poros, dispostos em linhas duplas circundando os olhos, bôca e face. A cabeça forma um ângulo abrupto com o perfil dorsal. (Fig. 2)

Na região occipital encontram-se numerosos cirros, bastante escuros, devido a maior concentração de pigmento negro, delgados, de comprimento quase igual ao diâmetro ocular e em número de 8 a

18, sendo os 2 ou os 3 últimos bi ou trifurcados.

Olhos relativamente grandes, anteriores e muito próximos da linha dorsal, apresentando cada um, na parte superior da órbita, um tufo de pequenos cirros, cujo comprimento não chega a igualar-se à metade do diâmetro ocular.

Narinas pequenas, situadas na linha dorso-lateral, mais próximas dos olhos do que da boca.

O primeiro par apresenta um feixe de, aproximadamente 5 ou 6 pequenos tentáculos na parte superior de cada narina.

O segundo par, muito próximo do bordo anterior das órbitas, é simples e apresenta um afastamento maior entre si do que o primeiro par.

Circundando a boca existe uma prega de tecido, semelhante à dos peixes que possuem boca protractil, que se estende dos cantos da boca, interrompendo-se à altura do ponto de junção dos maxilares; dando a impressão de separação das maxilas do resto do crânio.

A linha dos poros que circunda a boca interrompe-se à mesma altura que a referida prega cutânea.

Espaço interorbital, relativamente pequeno.

MAXILA SUPERIOR - INTERMAXILAR - Apresenta duas partes nítidas, uma orientada no sentido látero-lateral, de forma triangular, e outra no sentido dorso-ventral, achatada, delgada, sendo quase uma apófise da primeira.

A parte triangular apresenta três bordos e duas faces. O bordo inferior ou labial é ocupado pelos dentes, que são em número de 32, em toda a sua extensão. O bordo superior é arqueado, com uma inclinação para baixo e termina, na parte interna, em uma apófise, já referida; está relacionado em toda a sua extensão com o osso maxilar. O bordo interno ou mediano está relacionado com o seu homólogo, sendo bastante espesso e se continua com a grande apófise do osso. (Fig. 4)

A parte vertical ou apófise do osso intermaxilar tem origem nas duas faces, é ampla e delgada, possuindo duas partes, uma fazendo corpo com a parte triangular do osso e outra livre, cujo tamanho é igual ao do bordo mediano. A parte interna está relacionada com a sua homóloga e a externa com o maxilar e vomer.

Na face anterior ou labial se observa uma série de cristas, correspondente aos dentes e há perfurações de onde emergem dentes, em número de 10; na parte proximal do osso vê-se a base da apófise.

A face interna que é côncava, apresenta uma série de saliências oriundas da base dos dentes, e cristas que vão formar a apófise; esta face é de difícil observação, devido à presença de tecido conjuntivo que fixa uma apófise do osso maxilar, localizado na

concauidade existente no inter-maxilar. (Fig. 3)

OSSO MAXILAR - De forma muito irregular, pequeno, mas forte, tendo apenas uma pequena parte distal livre e laminar. A parte proximal apresenta uma grande dilatação na qual existe a superfície articular para as duas partes do osso intermaxilar, uma ventral, outra sagital e uma superior que recebe o vomer. Esta parte constitui a "massa vomeriana" do osso maxilar, dos autores. Sem dentes.

A parte ventral do osso está, nos dois terços proximais, relacionada com o osso intermaxilar. (Fig. 5 e 6)

MAXILA INFERIOR - De aspecto robusto, mas pequeno, tendo o osso dentário muito desenvolvido. O dentário apresenta-se disposto no sentido lateral, tendo um aspecto retangular, possuindo na extremidade distal duas grandes apófises originárias na maior parte do osso e divergentes, formando um ângulo onde se insinua o osso articular. Esta disposição é característica e aí há a superfície articular para o articular. A extremidade proximal é simples e se relaciona por justaposição com a sua homóloga.

Os dentes estão situados no bordo superior, ocupando quase toda a extensão; o bordo inferior é simples. A face interna é relativamente pouco acidentada e a face externa apresenta além das cristas ósseas que servem de apoio aos dentes, as aberturas de onde emergem os dentes, saliências e orifícios do canal sensorial.

O osso articular menor que o dentário, possui uma parte laminar que o relaciona com o dentário e outra espessa onde se acha a articulação para o quadrado. A superfície articular é ampla e de secção cilíndrica. Ventralmente à articulação há a abertura do canal sensorial que percorre a base do osso abrindo-se junto a apófise externa do osso dentário. O maior eixo do osso articular forma ângulo com o eixo máximo do dentário.

O osso angular é reduzido, chato e situado inferiormente à abertura anterior do canal sensorial do articular. (Fig. 7)

DENTES - Acham-se localizados em ambas as maxilas, estando dispostos em uma única série.

Na série superior encontramos 32 dentes e na inferior 30. Os caninos, em número de 2, menores que os demais e situados posteriormente, são encontrados na maxila inferior.

Notamos a ausência de dentes de substituição e de pterigoidianos.

Na parte externa do intermaxilar e do dentário apresentam-se alguns dentes que não obedecem a uma distribuição uniforme, em número de 10 em cada maxila, e de aspecto semelhante aos da série superior.

Os dentes são em forma de garra, possuindo uma base larga e uma goteira mediana. São hialinos, possuindo a porção distal amarelada.

Decrescem da sínfise para os lados, tornando-se a curvatura, nos últimos dentes, menos acentuada. (Fig. 8 e 9)

Os ossos da série opercular são muito reduzidos, sendo o osso opercular, o sub-opercular e o íntero-opercular bastante finos. O osso pré-opercular é, relativamente, o mais desenvolvido, apresentando várias aberturas do canal sensorial.

A série circum-orbital é pouco desenvolvida, circundando a parte anterior, inferior e posterior da órbita e formada por uma única peça óssea que apresenta uma expansão na parte anterior. Há grande número de orifícios.

Raios branquiostegais nítidos e em número de 6.

BRÂNQUIAS - Os arcos branquiais são pouco desenvolvidos, havendo um decréscimo de tamanho e são em número de quatro.

O arco branquial é delgado em forma de semicírculo e apresenta 13 rastros de cada lado. O número de *lamellae* branquiais é pequeno, sendo sustentadas por um septum interbranquial forte, com um quarto do tamanho das *lamellae*.

NADADEIRAS - Pouco resistentes. As nadadeiras pares estão situadas muito anteriormente, sendo que as ventrais precedem as peitorais.

Tôdas elas apresentam uma coloração uniforme tendo os bordos da membrana esbranquiçados, com exceção da dorsal que apresenta uma mancha escura, como já foi referido. Sômente a nadadeira caudal, possui raios bifurcados, as demais apenas raios simples. A *radialia* do primeiro raio da dorsal apresenta uma apófise (espinho) voltada para a frente, atingindo o meio da órbita. (Fig. 10 e 11)

NADADEIRA DORSAL - Nadadeira simples, apenas fendida à altura do 12º ou do 13º raio, que possui comprimento aproximadamente igual à metade dos demais.

Inicia à altura do fim do processo occipital e termina pouco antes do pedúnculo, ligando-se a membrana ao dorso.

NADADEIRA PEITORAL - Um pouco alongada, está situada lateralmente e tem a sua base localizada na linha que passa pelo início da dorsal. O seu maior raio chega a atingir o início da nadadeira anal.

NADADEIRA VENTRAL - O primeiro raio é individualizado e os dois últimos estão unidos por uma membrana. O segundo é o de maior comprimento. Esta nadadeira possui a sua base no prolongamento da linha transversal que passa pelo embasamento da peitoral.

NADADEIRA ANAL - Os dois primeiros raios encontram-se livres,

porém revestidos por uma prega cutânea espessa. Inicia-se à altura da metade da dorsal, não se unindo ao pedúnculo.

NADADEIRA CAUDAL - Apresenta os raios externos simples e os demais bifurcados.

TRATO GASTRO-INTESTINAL - Longo, ultrapassando quando distendido o comprimento total do peixe, mas se apresenta em três alças muito compactas, ficando a parte intestinal em posição post-hepática.

Após o esôfago, que é curto, observa-se a região cardíaca, muito desenvolvida e ocupando posição bem dorsal, limitada lateral e ventralmente pelo fígado. A parte dilatada do estômago tem uma posição mediana, com inclinação para baixo e com 9mm de comprimento, havendo, na parte final deste segmento, uma série de glândulas na parede do tubo digestivo, tendo início o intestino. Aí o tubo faz uma curvatura de 180° para realizar a primeira alça, que atinge a cárdia, onde há um novo arqueamento orientado no sentido dorso-ventral até atingir a primeira curvatura pelo lado interno da referida alça, onde se processa outro arqueamento para formar a segunda alça, que é menor que a primeira. Essa alça atinge o bordo inferior do fígado, estando localizada do lado direito, onde há nova curvatura dorso-ventral para formar a terceira alça, que é a maior e envolve as duas primeiras, indo até o bordo esquerdo do fígado, onde realiza uma curvatura bastante acentuada para trás e forma o último segmento do tubo intestinal, que mede 12mm e é dorsal em relação às alças intestinais.

O fígado é grande, tendo uma parte maior orientada no sentido dorso-ventral e anterior a toda a massa intestinal. Superiormente, há dois lóbulos entre os quais passa o tubo gastro-intestinal. Ventralmente, há um lóbulo orientado no sentido crânio-caudal, de forma triangular, onde repousa a segunda alça intestinal.

Possue uma vesícula biliar tubular e longa.

O baço é volumoso, situado do lado direito, entre o fígado, o estômago e a terceira alça intestinal.

VARIAÇÃO

Precedendo a este estudo, chamo atenção para a presente nota: o material estudado por mim e identificado como *Blennius cristatus* é proveniente de Barra de Guaratiba, D. Federal. O Museu Nacional possui vinte e um (21) exemplares. Neste estudo medi todos os espécimes; porém, apenas tomei como base para a variação, vinte exemplares, que considerarei em conjunto, visto serem todos da mesma localidade.

COMPRIMENTO TOTAL - O exemplar de maior porte encontrado mede 54mm e o menor 36mm, sendo por conseguinte, o menor 2/3 do maior. O valor médio encontrado é 45mm.

COMPRIMENTO STANDARD - O máximo comprimento standard encontrado é igual a 46mm e o mínimo 30mm. O maior comprimento standard, assim como o menor correspondem aos exemplares de máximo e mínimo comprimentos totais. A média iguala-se a 38mm.

COMPRIMENTO DA CABEÇA - O maior valor encontrado é igual a 14mm e o menor a 9mm. Correspondendo o maior valor ao espécime de máximo comprimento total e o menor ao de mínimo. A média equivale a 10,8mm.

COMPRIMENTO LÁBIO-OCCIPITAL - Consultando as tabelas encontramos: o maior valor igual a 9mm e o menor 6mm. Nos exemplares estudados o valor 9mm pertence a dois espécimes de comprimentos totais diferentes, 54mm e 52mm, respectivamente. Assim, também o valor mínimo pertence a dois exemplares de comprimentos totais diferentes, 36 e 38mm respectivamente. A média é igual a 7,6mm.

COMPRIMENTO LÁBIO-OLHOS - O máximo comprimento lábio-olhos pertence a exemplares de diferentes comprimentos totais, inclusive o maior, e é igual a 5mm; o mínimo é 3mm, que corresponde ao menor exemplar. A média equivale a 4,1mm.

COMPRIMENTO LÁBIO-OCCIPITAL - A média encontrada é 9mm. Sendo o valor máximo 11mm e o mínimo 7mm. Esses valores correspondem aos exemplares de maior e menor comprimentos totais, respectivamente.

COMPRIMENTO LÁBIO-ANAL - Os valores limites são: 26mm e 16mm; valor médio igual a 20,6mm.

COMPRIMENTO LÁBIO-ORIFÍCIO - O valor máximo é de 25mm e o mínimo 15mm; sendo a média equivalente a 19,4mm.

COMPRIMENTO DA BASE DAS NADADEIRAS DORSAL E ANAL -

	Máximo	Mínimo	Média
Dorsal	35mm	22mm	27,9mm
Anal	20mm	12,5mm	16,4mm

COMPRIMENTO DO ESPAÇO INTEROCULAR - Encontrei para limites os seguintes valores: 2mm e 1mm; sendo a média igual a 1,8mm.

DIÂMETRO DOS OLHOS - Para valores limites, temos: 3mm e 2mm, sendo a média 2,8mm. Apenas três exemplares apresentam o diâmetro igual a 2mm.

ALTURA MÁXIMA - Os valores encontrados foram: máximo 13mm, mínimo 8mm e média 10,6mm.

ALTURA DO PEDÚNCULO - O valor máximo foi de 4mm e o menor 2,5mm;

sendo a média 3,6mm.

ALTURA DAS NADADEIRAS -

	Máxima	Mínima	Média
Dorsal	6mm	4mm	4,8mm
Anal	5mm	2,5mm	3,7mm
Peitoral	11mm	7mm	9,2mm
Ventral	8mm	5mm	6,2mm

Comparando-se as alturas encontradas, observa-se que a peitoral é a maior; a ventral bem maior que a dorsal; sendo a anal a menor.

LARGURA MÁXIMA E MÍNIMA -

	Máxima	Mínima	Média
Na largura máxima	11mm	7mm	9,1mm
No pedunculo	1mm	1mm	1mm

Note-se que a largura do pedúnculo é a única medida que não apresenta variação.

LINHA LATERAL - É formada por uma simples linha de poros, que vai da parte posterior da cabeça até a base da caudal. Nem todos os exemplares apresentam o mesmo número de poros havendo uma variação de 2 poros.

O menor número encontrado foi 42 e o maior 44. A maioria apresenta 43 poros. A linha de poros é reta até a altura do embasamento da peitoral, fazendo aí, uma curva abrupta para baixo até, mais ou menos, a região mediana (longitudinal) do corpo, seguindo reta até a base da nadadeira caudal.

RAIOS DA NADADEIRA DORSAL - Nos espécimes considerados, o número máximo é 28 e o mínimo 26. Dezesesseis exemplares apresentam 27 raios, três 28 e um 26.

RAIOS DA NADADEIRA ANAL - Encontra-se uma variação de 2 raios; pois, onze apresentam 19 raios, sete 18 e dois 20.

RAIOS DA NADADEIRA PEITORAL - Esta é a nadadeira que apresenta menor variação, pois esta é igual a 1; o número máximo é 15 e o mínimo 14. Havendo dezoito exemplares com 14 raios e dois com 15.

RAIOS DA NADADEIRA CAUDAL - Esta nadadeira apresenta forma arredondada. Há uma variação de 2 raios; o número máximo é 18 e o menor 16. Quanto ao número de raios acessórios, ela pode apresentar de 8 a 10 raios.

RAIOS DA NADADEIRA VENTRAL - Apresenta um número de raios constante, que é igual a 3 em todos os exemplares.

RELAÇÃO CABEÇA-CORPO - Os valores extremos encontrados foram 4,5 e 3,7. Sendo a média igual a 4.

RELAÇÃO ALTURA-CORPO - O valor médio é igual a 4,1, o valor máximo 4,7 e o mínimo 3,8.

RELAÇÃO OLHOS-CABEÇA - Apresenta o maior valor igual a 5 e o menor igual a 3; tendo por média 3,7.

RELAÇÃO OLHOS-INTERORBITAL - Esta relação tem como valores extremos 1 e 0,3 e como média 0,5.

RELAÇÃO OLHOS-FOCINHO - Encontramos para valores extremos 2 e 1, sendo a média 1,2.

RELAÇÃO FOCINHO-CABEÇA - O valor máximo encontrado equivale a 3 e o mínimo 2. A média é 2,6.

RELAÇÃO INTERORBITAL-CABEÇA - O maior valor encontrado é equivalente a 11 e o menor 4,5. Foi encontrada a seguinte média: 6,1.

RESUMO

Tendo em vista estudar os representantes da família Blenniidae ocorrentes na costa brasileira, o autor efetua, neste trabalho, a redescricao de *Blennius cristatus* L., baseado em material que figura nas coleções do Museu Nacional, do Rio de Janeiro.

Analisando a bibliografia referente à espécie que lhe foi dado compulsar, manipulou o autor 21 exemplares provenientes do Distrito Federal (Brasil), todos capturados em localidade situada dentro da região em que foi coletado o material tipo de Linneu.

Depois de fazer referências à sinonímia da espécie e de ter examinado os seus caracteres osteológicos, promove o autor a sua redescricao, apresentando detalhes novos da morfologia desse peixe cujas descrições, em geral, se têm revelado insuficientes a ponto de acarretarem algumas sinonímias.

O trabalho acha-se acompanhado de uma tabela e de 11 desenhos elucidativos.

ABSTRACT

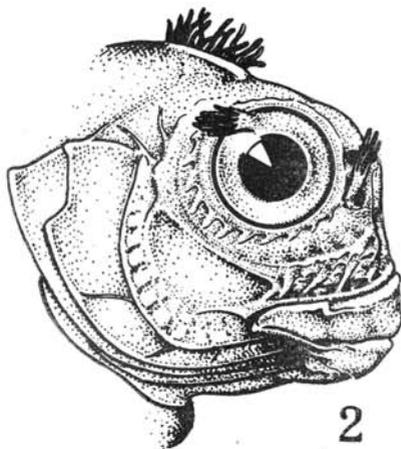
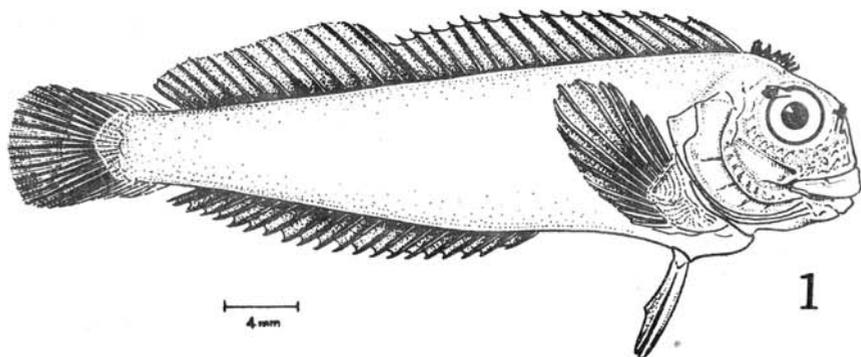
A redescription of *Blennius cristatus* L. is made on the basis of 21 specimens collected in the same locality as the Linnaeus' type specimen of the group, in the Distrito Federal, Brazil, and belonging to the collections of the Museu Nacional, Rio de Janeiro. This is the author's first paper of a projected series on the Brazilian representatives of the family Blenniidae. The present description is based especially on the skeleton, and is accompanied by a bibliographic analysis and considerations on the synonymy of *B. cristatus*. New morphological details are presented, bringing a better understanding of the species, and clearing up some nomenclatural confusions due to insufficient descriptions in previous works on the same group. A table of measurements and 11 text figures complete the paper.

BIBLIOGRAFIA

- CUVIER, M.B. & VALENCIENNES, M.A.
1838. Histoire Naturelle des Poissons. F.G. Levrault, Paris, Vol. 11
p. 1-373.
- FOWLER, M.W.
1941. A list of the fishes known from the coast of Brazil. Arq.
Zool. São Paulo, Vol. 3, p. 115-218, 9 pls.
- GOODE, G.B. & BEAN, T.H.
1882. Descriptions of the twenty-five New Species of Fish from
Southern States, and three New Genera, Litharcus, Ioglossus
and Chriodorus. Proc.U.S.National Mus., Vol. 5, p. 412-437.
- GRONOW, L.T.
1854. Catalogue of fish collected and described. British Museum,
London, p. 1-196.
- GÜNTHER, A.
1861. Catalogue of the Acanthopterygian Fishes on the collection of
the British Museum. London, Vol. 3, p. 1-586.
- JORDAN, D.S. & EVERMANN, B.W.
1898. The fishes of North and Middle America. Bull.U.S.National
Museum, Vol. 47 (3), p. 2186-3136.
- LINNEU, C.
1758. Systema Naturae. Regnum Animale, Vol. 1, p. 1-824.
- NORMAN, J.R.
1943. Notes on the Elennioid fishes. I - A provisional synopsis of
the genera of the family Elennidae. Ann. & Mag.Nat.Hist. (11)
Vol. 10, p. 793-812.
- QUOY, J.R.C. & GAIMARD, J.P.
1824. Le Voyage autour du Monde par les Corvettes l'Uranie et la
Physicienne (Zoologia). Pillet Aîné, Paris, p. 1-376, 96 pls.
in folio.
- RIBEIRO, A.M.
1915. Fauna Brasiliense. (Peixes). Arquivos do Museu Nacional,
Vol. 17, p. 1-680, ilustr.
- SMITH, J.L.B.
1949. The sea fishes of Southern Africa. Central News Agency, South
Africa, p. 1-550, 103 pls., figs.-text.

ESTAMPA I

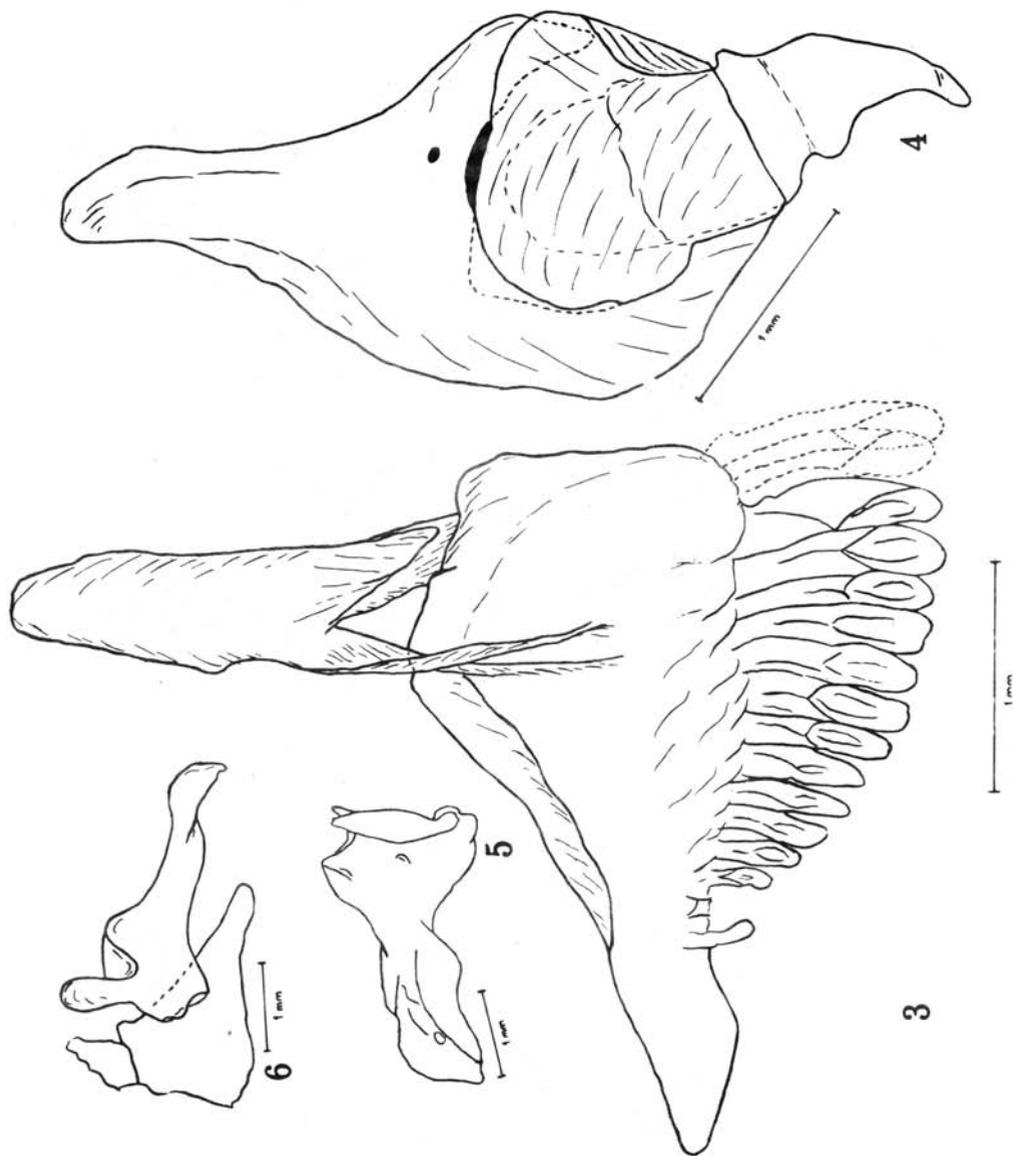
- Fig. 1 - *Blennius cristatus* L. - M.N.I. 6299, com 45mm.
Fig. 2 - Detalhe da cabeça.



Victor Frederico

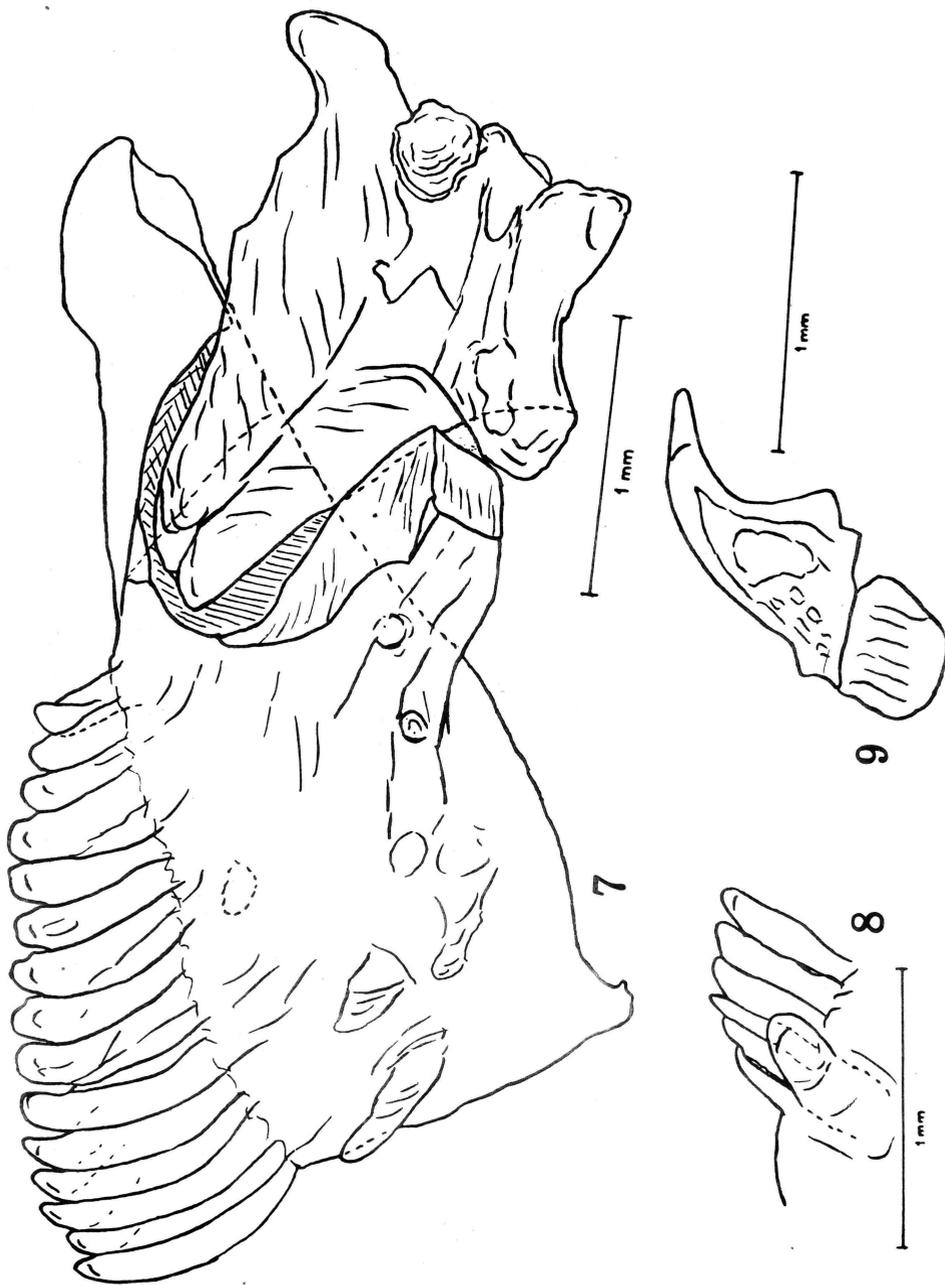
ESTAMPA II

- Fig. 3 - *Blennius cristatus* L. - M.N.I. 6299, osso pré-maxilar esquerdo, vista interna.
- Fig. 4 - Bordo mediano do osso pré-maxilar, vista interna.
- Fig. 5 - Osso maxilar esquerdo, vista interna.
- Fig. 6 - Esquema do osso maxilar relacionado com o osso pré-maxilar.



ESTAMPA III

- Fig. 7 - *Blennius cristatus* L. - M.N.I. 6299, mandíbula, vista lateral.
Fig. 8 - Detalhe do dente canino.
Fig. 9 - Segundo dente do osso pré-maxilar, vista lateral.



ESTAMPA IV

Fig. 10 - *Blennius cristatus* L. - M.N.I. 6299, dois primeiros raios da nadadeira dorsal.

Fig. 11 - Detalhe da articulação do primeiro raio da dorsal.

